

ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DE HIV/AIDS EM IDOSOS NO BRASIL, NO PERÍODO DE 2008 A 2017

Letícia Bruna de Souza Araújo¹
Alípio de Paiva Barbosa Neto²
Hurana Ketile da Cunha³
Ana Clara Trigueiro Gonçalves⁴
Soraya Maria de Medeiros⁵

INTRODUÇÃO

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) é uma doença do sistema imunológico humano, resultante da infecção pelo vírus HIV, sendo este transmitido por contato com fluidos corporais de indivíduos infectados, como sangue, leite materno, sêmen e secreções vaginais. Segundo Correio Braziliense (2018), atualmente, há concentração da epidemia HIV/AIDS na população jovem entre 14 a 29 anos. Entretanto, os idosos merecem uma atenção redobrada, visto que, em 10 anos, o número de casos de infecções, nessa fase da vida, cresceu 103% no Brasil.

De acordo com Moraes, Moraes, Lima (2010), envelhecer diz respeito a um conjunto de alterações fisiológicas sofridas pelo corpo, mas que não impede o indivíduo de ter uma boa qualidade de vida. Os avanços tecnológicos em saúde, como os tratamentos de reposição hormonal e medicações para disfunção erétil, propiciou melhores condições de práticas sexuais dos idosos, no qual, atrelado à resistência ao uso de preservativos, pode provocar, conseqüentemente, um aumento do risco de infecções sexualmente transmissíveis (IST) (SILVA et al, 2018).

Além dos avanços tecnológicos, a resistência dos profissionais de saúde em abordar essa temática junto à população idosa, pode ser considerada um fator para o aumento de infecções, uma vez que, os tabus existentes sobre a sexualidade, acabam considerando essas pessoas assexuadas (ALENCAR et al, 20¹⁴).

¹ Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, leticiabrun@ufrn.edu.br;

² Graduando do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande Do Norte - UFRN, alipioneto@ufrn.edu.br;

³ Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande Do Norte - UFRN, huranacunha@ymail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande Do Norte - UFRN, anaclaratg@ufrn.edu.br;

⁵ Enfermeira sanitária. Mestre em educação. Doutora em enfermagem. Docente DENF/UFRN, sorayamaria_ufrn@hotmail.com.

Superar esse bloqueio existente entre o profissional e idoso quanto à problemática, é importante, pois mesmo com o aumento no número de casos de HIV/AIDS, as campanhas ainda estão voltadas aos grupos considerados de risco, como homossexuais, profissionais do sexo, pessoas transgêneras, usuários de drogas injetáveis e presidiários (CORREIO BRAZILIENSE, 2018).

Conforme Nascimento et al, (2017), idosos que apresentam a infecção possuem sua vida afetiva modificada, sua liberdade sexual reprimida, receio de se relacionar com outras pessoas, até mesmo de falar, por medo de serem rejeitados. Diante disso, o idoso começa a vivenciar a realidade de uma sociedade estigmatizada, dado que contraria os estereótipos vinculados a esse grupo.

Considerando a relevância da temática para a saúde pública do país, assim como a insuficiência dos serviços de saúde na abordagem dessa problemática junto à população idosa, analisou-se a importância de estudar acerca de HIV/AIDS em idosos no período de 2008 a 2017 para uma análise de desenvolvimento da doença com o passar dos anos. Dessa maneira, o presente estudo tem como objetivo configurar o perfil epidemiológico de HIV/AIDS em idosos com idade igual e acima de 60 anos, no Brasil, no referido período.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de caráter epidemiológico, com abordagem quantitativa e viés descritivo, elaborado através de consultas ao Departamento de Informática do SUS (DATASUS). As buscas foram realizadas no período de 23 de janeiro a 15 de abril de 2019.

A população alvo do estudo foi idosos com idade igual e acima de 60 anos diagnosticados com HIV/AIDS, em um corte temporal de 2008 a 2017. A escolha desse período para o estudo possibilita analisar como a doença se desenvolveu nos últimos nove anos, sendo 2017 o último ano de notificação no DATASUS.

Foi avaliada a quantidade de casos de HIV/AIDS por faixa etária segundo as variáveis nominais: ano de diagnóstico, sexo (feminino e masculino) escolaridade (analfabeto, 1ª a 4ª série incompleta, 4ª série incompleta, 5ª a 8ª série incompleta, fundamental completo, médio incompleto, superior incompleto, superior completo) e categoria de exposição (homossexual, bissexual, heterossexual, UDI, material biológico, transmissão vertical, e ignorados). Na caixa nomeada “linha” foi selecionado as variáveis ano de diagnóstico, sexo, escolaridade e categoria de exposição; na caixa “coluna” foi selecionado a faixa etária; na caixa “períodos disponíveis”, foram escolhidos os anos de 2008 a 2017.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período entre 2008 a 2017, foram diagnosticados 381.744 casos de AIDS no Brasil, incluindo os resultados ignorados. Destes, 17.827 pessoas com idade igual e acima de 60 anos foram acometidas pela doença. O ano de 2008 apresentou-se com um número de 1.559 casos, no qual se obteve um aumento nos anos seguintes. Comparando os anos de 2009 e 2010 foi observado uma diminuição de 1.646 para 1.618, respectivamente. 2016 destaca-se com maior número de diagnósticos nessa faixa etária, com 2.206, ocorrendo uma considerável queda no ano de 2017, para 788.

Ao realizar uma análise da faixa etária que apresenta maior número de casos de infecção por HIV, observa-se elevada concentração entre 20 a 49 anos de idade, sendo 88.904 (23,2%) casos diagnosticados em jovens adultos entre 20-29 anos, 122.829 (32,1%) em adultos de 30-39 anos e 91.464 (23,9%) diagnósticos entre 40-49 anos. Porém, tratando-se da terceira idade, a faixa etária entre 60 a 69 anos apresentou 14.278 (3,4%) diagnósticos, sendo considerada a idade com maior índice de casos de HIV/AIDS, o que difere da faixa etária entre 70 a 79 anos com 3.012 (0,7%), e idosos com idade igual ou acima de 80 anos com 493 (0,1 %) registros de diagnósticos. Os índices das porcentagens partiram do valor total de casos diagnosticados.

Considerando o número de casos confirmados por faixa etária (13), segundo o sexo, no período de 2008 a 2017, homens com idade igual ou acima de 60 anos, apresentavam um total de 10.752 (60,3%), no qual a faixa etária de 60 a 69 anos apresenta maior número de casos diagnosticados, correspondente a 8.499 (47,6%). Idosos entre 70 a 79 anos e 80 anos ou mais representavam um menor número, sendo 1.924 (10,7%) e 329 (1,8%) casos, respectivamente. Com relação às mulheres, 7.028 (39,4%) foram diagnosticadas com HIV/AIDS: 5.777 (32,4%) idosas na faixa etária entre 60 a 69 anos, 1.088 (6,1%) entre 70 a 79 anos e 163 (0,9%) casos em idosas de 80 anos ou mais. Os valores das porcentagens foram obtidos a partir do número de casos diagnósticos em idosos com idade igual e acima de 60 anos.

De acordo com o grau de instrução, o maior número de casos de HIV/AIDS confirmados é de 1.460 em idosos com idade entre 60 a 69 anos, que tenham a 1ª e 4ª série incompleta, e o menor número está em idosos com ensino superior incompleto, com 93. O mesmo raciocínio segue nas demais faixas etárias, sendo 355 o maior número em idosos com 70 a 79 anos com 1ª e 4ª série incompletas, e o menor número, 13, para ensino superior incompleto; indivíduos com 80 anos ou mais tem seu maior número 48 e o menor 3, todos nos mesmos graus de escolaridade, respectivamente.

Por fim, analisando a categoria de exposição, verifica-se que a transmissão do HIV ocorre principalmente de forma heterossexual na faixa etária de 60 a 69 anos de idade, com um número de 6.646 (37,2%) casos. A faixa etária de 70 a 79 anos teve 1.296 (7,2%) casos diagnosticados, e idosos com 80 anos ou mais, 182 (1%) casos.

Diante dos dados obtidos, foi observado que, no intervalo de tempo entre 2008 a 2017, o número de casos de HIV/AIDS em idosos aumentou a cada ano. Porém, o ano de 2017 se sobressai com uma grande redução do número de infecções. Este fato pode estar relacionado à sensibilidade dos órgãos responsáveis através da realização de atividades de prevenção ou até mesmo pela subnotificação de novos casos.

Conforme Dornelas Neto et al, (2015), os avanços da indústria farmacêutica propiciaram uma melhor qualidade de vida sexual aos idosos quando o mercado inseriu medicamentos para solucionar problemas de disfunção erétil e tratamento de reposição hormonal, tornando-os mais ativos sexualmente e, conseqüentemente, vulneráveis às IST. A resistência ao uso de preservativos também pode justificar o acometimento dessa população pelo vírus da AIDS, visto que, em sua juventude não tinham o conhecimento de métodos preventivos, isto é, não fazia parte de sua cultura, e isso permitiu a não adesão do uso atualmente.

No estudo, observou-se a prevalência da infecção em homens. Cerqueira e Rodrigues (2016) afirmam que, grande parte da população idosa cresceu numa cultura machista, na qual a mulher tem dever conjugal e o homem o prazer, sendo aceito que tenham várias parceiras. Essa aceitabilidade pode tornar o homem vulnerável à infecção pelo vírus, assim como às demais IST, e, conseqüentemente, transmitir para suas esposas. Outro fator é que o homem procura menos o serviço de saúde, está menos preocupado com medidas de prevenção convictos que é um ser forte e imune a qualquer doença (NARDELLI et al, 2017).

Os níveis de escolaridade de um indivíduo é um forte indicador para definir acerca do conhecimento que ele possui. Logo, quanto menor o grau de escolaridade, conseqüentemente, menor será o seu nível de informação. Segundo Maldaner, Lini, Doring (2016), a limitação de conhecimento quanto ao manuseio dos preservativos, causa resistência do seu uso pelos idosos. Essa questão pode estar relacionado também à ausência de conhecimento quanto à doença, como ela pode ser transmitida, o que ela causa.

Como o estudo apresenta, os casos de HIV/AIDS em idosos está mais presente em indivíduos com práticas de relações heterossexuais. De acordo com Rocha (2013), a rejeição do uso de preservativos por homens é devido a diminuição do prazer e sensibilidade na relação sexual. Questões de negociação entre os parceiros, questionamentos de fidelidade entre os

casais, dúvida no uso e eficácia da camisinha, desconhecimento de vias de transmissão pode causar resistência à adesão dos preservativos (GARCIA et al, (2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo permitiu observar a grande quantidade de casos de HIV/AIDS em idosos no período de 2008 a 2017, além de servir como ferramenta de informações para profissionais de saúde, estudantes de graduação e comunidade. Apesar de não representar a faixa etária com maior número de casos no Brasil, é importante reconhecer que esta população também apresenta risco e vulnerabilidade ante o fenômeno mundial de epidemia da AIDS, assim como às demais infecções sexualmente transmissíveis.

Os dados obtidos comprovaram que, apesar dos tabus referentes a sexualidade do idoso, o advento de novas tecnologias, avanço da ciência e maior acesso aos serviços de saúde, possibilitou uma melhor qualidade de vida sexual dessa população, redefinindo, em parte, seus papéis sexuais e novas perspectivas.

Diante disso, é extremamente importante que os serviços de saúde promovam um adequado acolhimento aos idosos, reconhecendo o seu direito à sexualidade, pois muitos deixam de procurar os serviços por vergonha, medo de julgamentos e preconceito. Uma equipe que tem o conhecimento epidemiológico de HIV/AIDS nesse grupo, consegue desenvolver um trabalho que previna essa doença e demais, e promova saúde.

Palavras-chave: idoso; Síndrome da Imunodeficiência Adquirida; HIV, sexualidade; envelhecimento.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, D. L.; et al. **Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa.** Ciênc. saúde coletiva. v. 19, n. 8, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232014000803533&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 01 de abr. de 2019

CASSÉTTE J. B. HIV/aids em idosos: estigmas, trabalho e formação em saúde. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.** Rio de Janeiro, 2016; 19(5):733-744. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v19n5/pt_1809-9823-rbgg-19-05-00733.pdf. Acesso em: 01 de abr. de 2019.

CERQUEIRA, M. B. R.; RODRIGUES, R. **Fatores associados à vulnerabilidade de idosos vivendo com HIV/AIDS em Belo Horizonte (MG), Brasil.** Ciência & Saúde Coletiva, [s.l.], v. 21, n. 11, p.3331-3338, nov. 2016. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016001103331&lang=pt. Acesso em: 03 de abr. de 2019.

DORNELAS Neto, Jader et al. **Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática**. *Ciência & Saúde Coletiva*, [s.l.], v. 20, n. 12, p.3853-3864, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n12/1413-8123-csc-20-12-3853.pdf>. Acesso em: 04 de abr. de 2019.

GARCIA G.S. et al. Vulnerabilidade dos Idosos frente ao HIV/Aids: Tendências da Produção Científica Atual no Brasil. 01. ed. rev. **DST JBDST**, 2012. Disponível em: www.dst.uff.br/revista24-3-2012/7-Vulnerabilidade_idosos_aids.pdf. Acesso em: 03 de abr. de 2019.

MALDANER, D.S, LINI, E.V, DORING, M. Os idosos e a prevenção contra o HIV/AIDS: revisão da literatura. **Rev. Ciênc. Méd. Biol.**, Salvador, v. 15, n. 2, p. 214-217, mai./ago. 2016. Disponível em: < <https://portalseer.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/14182> >. Acesso em: 03 de abr. de 2019.

MORAES, E.N; MORAES, F.L; LIMA, SPP. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. **Rev Med Minas Gerais**. [periódico na Internet]. 2010;20(1):67-73. Disponível em: http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_artigos/197.pdf. Acesso em: 25 de mar. de 2019.

NARDELLI, G. Gaudenci et al. Conhecimento sobre síndrome da imunodeficiência humana de idosos de uma unidade de atenção ao idoso. **Rev. Gaúcha Enferm.** [online]. 2016, vol.37, n.spe, e2016-0039. Epub May 18, 2017. ISSN 1983-1447. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-14472016000500416&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 04 de abr. de 2019.

NASCIMENTO, E.K.S. História de vida de idosos com hiv/aids. **Rev enferm UFPE on line**. Recife, 11(4):1716-24, abr., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/15243/18023>. Acesso em: 01 de abr. de 2019.

ROCHA, F.C.V et al. Conhecimento dos idosos sobre HIV/aids. **R Interd**, 2013. Disponível em: <http://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/57>. Acesso em: 03 de abr. de 2019.

SILVA, B.N. Panorama epidemiológico da aids em idosos. **Rev. Bras. Geog. Méd. Saúde**. Hygeia 14 (29): 80 - 88, Setembro/2018 Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/42978/24202>. Acesso em: 01 de abr. de 2019.

VINHAL, G. Número de idosos com HIV no Brasil cresce 103% na última década. **Correio Braziliense** Ciência e Saúde, 25 de mar. de 2018. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2018/03/25/interna_ciencia_saude,668253/numero-de-idosos-com-hiv-no-brasil-cresce-103-na-ultima-decada.shtml. Acesso em: 26 de mar. de 2019.